



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

OLANDA MARIA ALMEIDA SOUSA

FAMÍLIA E CONFLITO EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

**CAMPINA GRANDE
2019**

OLANDA MARIA ALMEIDA SOUSA

FAMÍLIA E CONFLITO EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Letras em Junho de 2019 da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725f Sousa, Olanda Maria Almeida.
Família e conflito em dois irmãos de Milton Hatoum
[manuscrito] / Olanda Maria Almeida Sousa. - 2019.
24 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Romance contemporânea. 3.
Narrador contemporâneo. I. Título
21. ed. CDD 801.95

OLANDA MARIA ALMEIDA SOUSA

FAMILIA E CONFLITO EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

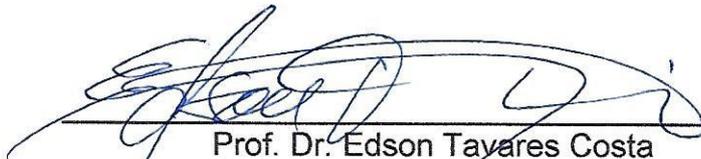
Artigo apresentado ao Curso de Letras em Junho de 2019 da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais José da Guia e Socorro, meus irmãos Ortis, Mirtes e Aninha por todo o incentivo durante os anos de estudo. Ao meu noivo Elinaldo pela compreensão e apoio em todos os fins de semana dedicado aos estudos e também aos meus amigos da universidade, que permitiram que essa caminhada fosse mais alegre.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. A FAMÍLIA COMO NÚCLEO ESTRUTURANTE E SEUS SUJEITOS.....	07
3. O NARRADOR CONTEMPORÂNEO.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
5. REFERÊNCIAS.....	23

FAMÍLIA E CONFLITO EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Olanda Maria Almeida Sousa

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a postura do narrador contemporâneo no romance de Milton Hatoum *Dois Irmãos*, o qual demonstra a relação entre os irmãos Omar e Yaqub, assim como os conflitos familiares protagonizados por eles, bem como destacar a presença do narrador contemporâneo no romance. A metodologia de nossa pesquisa foi de caráter bibliográfico, na qual tivemos o aporte teórico de diversos autores da área da literatura como Hutcheon (1991), Todorov (2009), Adorno (2003), entre outros. A princípio analisaremos as relações familiares presentes no romance e o papel desempenhado pelos personagens frente a todos os conflitos que surgem em torno da família de Halim e Zana, em seguida, destaca-se a atuação do papel do narrador protagonizado por Nael, um personagem que muitas vezes é excluído, marginalizado, todavia possui uma grande importância para o desenvolvimento da narrativa, compreende-se boa parte do que se passa na família de Halim. Além disso, seu olhar crítico e observador é o que faz o leitor voltar no tempo visualizando a antiga Manaus.

Palavras-chaves: Romance contemporâneo. Dois Irmãos. Narrador contemporâneo.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the contemporary narrator's position in Milton Hatoum *Dois Irmãos*' novel, which shows the relationship between the brothers Omar and Yaqub, as well as the family conflicts they play, as well as highlighting the presence of the contemporary narrator in the novel. The methodology of our research was of bibliographic character, in which we had the theoretical support of several authors in the literature area such as Hutcheon (1991), Todorov (2009), Adorno (2003), among others. At first we will analyze the familiar relations present in the novel and the role played by the personages in front of all the conflicts that arise around the family of Halim and Zana, next emphasizes the performance of the paper of the narrator carried out by Nael, a personage who is often excluded, marginalized, yet has a great importance for the development of the narrative, much of what is happening in the family of Halim is understood. In addition, his critical and observant look is what makes the reader go back in time by visualizing the ancient Manaus.

Keywords: Contemporary Romance. Family conflict. Contemporary narrator.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar conflitos familiares no romance *Dois Irmãos*, obra importante da nossa narrativa brasileira contemporânea.

Dois Irmãos é um livro nacional lançado nos anos 2000, escrito por Milton Hatoum, escritor contemporâneo, Romancista, Contista, Tradutor, professor Brasileiro e descendente de imigrantes Libaneses que narra a história de *Dois Irmãos*, também descendentes de libaneses que moram na antiga Manaus. A narrativa inicia-se por volta dos anos de 1920, quando Halim e Zana se conhecem, apaixonam-se e decidem se casar. O jovem casal apaixonado, vive muitas aventuras amorosas no casamento, até que Zana, após perder seu pai, decide que quer construir a sua família ao lado do marido. Decisão essa que não agradou muito ao Halim, pois, ele não queria dividir a sua esposa com ninguém, muito menos com filhos, que exigem atenção e dedicação por parte da mãe.

O romance contemporâneo *Dois Irmãos* se passa nos anos de 1940, período da 2ª Guerra Mundial, e tem como foco principal a história de *Dois Irmãos*, Yaqub e Omar que vivem uma rivalidade devido a um amor de adolescência que acarreta os mais diversos conflitos existentes entre esses dois jovens.

Na obra, observa-se que mesmo com toda rivalidade existente entre os irmãos gêmeos existe também o excesso de amor dado por Zana ao seu estimado Omar (o caçula). Esse amor exagerado e superprotetor faz com que Yaqub se torne mais distante da família, visto que ele não se reconhece nesse grupo familiar, pois desde que foi mandado para o Líbano ele mudou a sua personalidade.

De acordo com Candido (2007 p.53): “Não somos capazes de abranger a personalidade do outro com a mesma unidade com que somos capazes de abranger a sua configuração externa.”, ou seja, nós conseguimos ver a semelhança física entre Yaqub e Omar, entretanto a personalidade de Yaqub é difícil de atingir, uma vez que após ter sido “desprezado” pela família, e enviado para o Libano na esperança que os conflitos familiares cessassem o que acaba não acontecendo, Yaqub retorna ao Brasil como um indivíduo bem inacessível, fechado, isolado com seus pensamentos.

Nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, tendo como alvo principal a obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum. A divisão da pesquisa se organiza da seguinte forma,

primeira seção “introdução”, que será feita através de um recorte inicial de conceitos da obra e do autor, assim como a metodologia, buscando explorar temas como a totalidade interna da obra, posteriormente a segunda seção apresentará uma discussão sobre a perspectiva da “ A família como núcleo estruturante e seus sujeitos”, a terceira e última seção faz uma abordagem sobre “ O narrador contemporâneo” e por fim, as considerações finais.

Abrange-se como suporte teórico obras dos autores : Hutcheon (1991), Todorov (2009), Candido (2006, 2007) Adorno (2003) entre outros que fundamentaram o nosso trabalho.

2. A FAMÍLIA COMO NÚCLEO ESTRUTURANTE E SEUS SUJEITOS

Observa-se inicialmente que a obra literária é um romance urbano social composto por um preâmbulo, e logo depois uma sequência de 12 capítulos. O cenário principal é na cidade de Manaus entre o período (1920 a 1960), uma metrópole em desenvolvimento, mas vale ressaltar uma passagem em São Paulo e também no Líbano. O foco narrativo apresenta-se em primeira pessoa, a obra é contada por um dos personagens (o narrador Nael), que só é identificado no desenvolvimento da história. Nael narra à obra, que tem como objetivo principal situar-se como sujeito membro daquela família, na tentativa de obter a consolidação de sua identidade, junta recortes das histórias que ouve e presencia sobre os gêmeos. O drama familiar é apresentado sob viés de uma rivalidade entre os gêmeos e que de certa forma é incentivada pela mãe a apresentar preferência a um filho, ao bajular demasiadamente o Omar (Filho caçula).

Os personagens da narrativa são: Halim (marido de Zana e pai dos gêmeos) e Zana (esposa e mãe dos gêmeos), Omar (filho rebelde, preferido pela mãe), Yaqub (filho certinho e excluído pela mãe), Rânia (irmã dos gêmeos) Nael (filho de Domingas e provável filho de um dos gêmeos), Domingas (índia “adotada” pela família), Livia (grande amor dos gêmeos, que se casa com Yaqub), Galib (pai de Zana que morre pouco tempo após o seu casamento), Abbas (amigo que ajudou Halim a conquistar Zana com um poema) .

Omar é o filho que nasce com alguns problemas de saúde, Yaqub é o filho que é mandado para o Líbano, que sempre foi esquecido pela mãe, uma vez que Zana é mais atenciosa com o filho caçula, excluindo de certa forma a verdadeira

caçula, que é a Rânia, a mesma não faz nenhuma questão por esse título, ou de frágil por ser mulher.

Na obra observa-se algumas “passagens” que descrevem melhor “a superproteção de Zana” o que provoca um grande desconforto entre os membros da família, sobretudo no Yaqub. Como nos lembra Hatoum (2000 p. 14) “Não entendia por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois.” Ninguém nunca compreendeu por que o filho que foi ferido teve que deixar o seu lar. Ao retornar ao Brasil Yaqub já não se vê mais como um membro daquela família, a mesma que o abandonou, que o excluiu e também preferiu ficar com o filho que havia nascido com a saúde mais sensível. Yaqub torna-se um estranho dentro de sua própria casa. Enquanto Zana, mãe dos gêmeos não muda sua posição de mãe “superprotetora” e continua protegendo Omar até o fim dos seus dias.

Com a morte de Halim surgem diversos acontecimentos e Nael se torna um personagem evidente que sempre esteve em busca de sua origem paterna, e ao final ele é identificado como narrador do romance.

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. [...] Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. [...] Muitas vezes ela ensaiou, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava, e eram olhos tristes. (Hatoum, 2000 p. 47)

Zana, a mãe superprotetora, entrega-se a solidão após a morte do seu esposo Halim, e isso inquietava demais o Omar. Segundo o narrador, podemos destacar a seguinte observação relacionada à mãe dos gêmeos “Zana de luto, melancólica, sentada no sofá cinzento, onde Halim tantas vezes a enlaçara com desejo.” (HATOUM, 2000, p. 142) A ausência do esposo faz com que a personagem vá aos poucos desmoronando, sua saúde fica frágil e sofre ao saber que tem que sair de sua “própria” casa para ir morar com sua filha Rânia. Após a sua mudança de residência Zana fica sem notícias do seu amado caçula (Omar), que na verdade não some apenas por uma de suas travessuras, mas sim, por algo que não se pode evitar, a sua prisão.

A prisão de Omar foi articulada por Yaqub como forma de vingança por tudo que ele passou durante a sua infância (reclusão para o Líbano), e juventude (quando foi mandado para São Paulo para concluir seus estudos), vivendo boa parte de sua vida afastado da família sem ter o amor de sua mãe Zana, uma vez que durante toda a sua existência, o amor, carinho, e a atenção de sua mãe foi dado a quem menos merecia, o seu filho travesso, o Omar.

Ainda segundo a autora Hutcheon (1991) o romance pós-modernista questiona diversos conceitos inter-relacionados presentes no humanismo liberal. Questionar os conceitos não significa negá-los, mas apenas indagar a sua relação com a experiência, dessa forma, a análise não implica necessariamente em destruição, e a crítica pós-moderna, especificamente, tem a função de questionar, refletir sobre os romances.

No romance *Dois Irmãos*, temos uma narrativa baseada na descoberta das origens de Nael, o narrador, que será identificado ao longo da narrativa, e através das palavras exprime o seu estado de espírito que se manteve desde a infância, como nos lembra Todorov (2009 p. 75-76) “Elas nos permite dar forma aos sentimentos que experimento, ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem minha vida. Elas me fazem sonhar, tremer de inquietude ou me desesperar” a primeiro momento, a narrativa apresenta a volta de Yaqub do Líbano, cujo motivo da separação familiar era a rivalidade entre os gêmeos Omar e Yaqub que teve origem na sua adolescência, quando ambos se apaixonam pela mesma garota (Lívia) e ela corresponde ao amor do Yaqub.

Yaqub reservou uma cadeira para Lívia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. Da escuridão surgiram cenas em preto e branco e o ruído monótono do projetor aumentava o silêncio da tarde. [...] alguém abriu uma janela e a plateia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. (HATOUM, 2000, p. 19).

Yaqub era o gêmeo mais “equilibrado” foi alvo da violência do Omar, que por ciúmes de Lívia atingiu o rosto do irmão com uma garrafada. Os pais dos gêmeos decidiram mandar Yaqub para o Líbano com o intuito de deixar os irmãos

separados, assim evitando os conflitos nesse ambiente familiar, ou seja, houve uma descentralização do sujeito, retirando-o do centro que era Manaus e o seio da família, e levando-o para a margem, para o Líbano, ambiente pouco presente na narrativa.

Em relação ao desafio à noção de centro, Hutcheon (1991) procura descentralizar o sujeito que busca sentido na sua individualidade e na sua autenticidade, tendo importante repercussão no conceito de racionalidade, conforme Hutcheon (p.85) “esses desafios passaram a ser os truísmos do discurso teórico contemporâneo”, ou seja, a verdade única e absoluta.

A família de Halim protagoniza esse centro, aparentemente uma família “normal” com alguns defeitos, mas a realidade é bastante diferente. Durante a narrativa observamos a desestrutura da família, ou melhor, eles vivem uma total ficção, uma imagem de família feliz, mas na verdade eles são bastante desestruturados, essa desestrutura é proporcionada por Zana, a partir do momento que ela infantiliza e apresenta uma atenção exagerada mais a um filho do que a outros, como nos lembra Candido (2006) tudo tem um núcleo onde tudo se transforma, ele combina, cria e devolve a sua realidade, o núcleo dessa situação familiar é Zana, ela possui um amor incondicional pelo Omar que a deixa cega e não enxergar os inúmeros defeitos que o filho possui, ela o idealiza como o “filho perfeito” que só precisa do seu afeto e carinho.

A descentralização do sujeito indica a não continuidade do centro, tornando-o um ser excêntrico, que possui as suas características singulares que o desvaloriza e exclui. Yaqub é esse sujeito da descentralização, enquanto adolescente, aos 13 anos é enviado para o Líbano, e aos 18 anos de idade retorna ao Brasil, “Yaqub partiu para o Líbano com os amigos do pai e regressou a Manaus cinco anos depois. Sozinho.” (HATOUM, 2000, p. 20) Yaqub retorna ao Brasil com uma aparência um pouco introspectiva, um homem de poucas palavras que vai se encontrando nessa exclusão, um sujeito excêntrico, visto que ele foi excluído do seio de sua família, que é o centro da narrativa e passa a estabelecer novas relações.

Para Schollhammer (2009 p 32-33) “A identidade individual parece substituída pela autoencenação, pela pose, pelo exibicionismo e pela teatralidade do indivíduo.” Sendo assim, no entendimento desse autor a identidade do indivíduo sofre uma alteração pelo personagem que busca se exhibir e possuir um lugar de destaque frente aos demais.

Na obra *Dois Irmãos* encontramos o personagem Omar que vive esse exibicionismo, caracterizado por ser um jovem fanfarrão, conhecido como o “Caçula”, ele vive essa autoencenação para ludibriar os sentimentos da mãe, que mal enxerga a personalidade do filho, o qual só quer saber de festa e vive fazendo arruaças, é ele o grande protagonista da rivalidade dos irmãos, pois durante grande parte da narrativa ele é o vilão, mas, para Zana ele sempre é o inocente.

[...] o rosto de Zana se iluminou ao ouvir um assobio prolongado — uma senha, o sinal da chegada do outro filho. [...] Omar se dirigiu à mãe, abriu os braços para ela, como se fosse ele o filho ausente, e ela o recebeu com uma efusão que parecia contrariar a homenagem a Yaqub. Ficaram juntos, os braços dela enroscados no pescoço do Caçula, ambos entregues a uma cumplicidade que provocou ciúme em Yaqub e inquietação em Halim. “Obrigado pela festa”, disse ele, com um quê de cinismo na voz. “Sobrou comida para mim?” “Meu Omar é brincalhão”, Zana tentou corrigir, beijando os olhos do filho. (HATOUM, 2000, p. 17).

De acordo com o trecho extraído do livro, percebe-se claramente que Zana gosta desse “jogo” de exibição que o Omar promove, ela possui uma inocência nos olhos e não enxerga o filho como um ser mal intencionado e provocador. Essa postura de ambas as personagens é uma marca muito forte durante o enredo.

As características identitária observadas no Omar estão presentes no pensamento pós-moderno. Conforme Hall (2005 p. 14) “identidade está relacionado ao caráter de mudança na modernidade tardia”, ou seja, as alterações no pensamento pós-moderno é uma constante, e a obra pós-modernista fala sobre si mesma. No romance *Dois Irmãos* percebemos que essa característica de alteração identitária é uma constante, pois ela atinge tanto o Omar durante toda a sua vida quanto atinge o Yaqub na sua vida adulta.

Yaqub sofre algumas reviravoltas durante a sua vida, sua personalidade é afetada por causa dos diferentes locais que morou e teve que se adaptar e sempre ir “recomeçando” a sua trajetória, já o Omar “muda” de acordo com a sua vontade e com o ciúme que possui do irmão. Nas tentativas de se reconstruir Yaqub desliga-se do centro, que é a sua origem familiar, e busca-se elevar-se por outros caminhos.

O desligamento do centro protagonizado por Yaqub nos leva a compreender as ideias de Hutcheon (1991 p. 89) quando ela relata que “O movimento off-centro

encontra-se na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico.” Compreendemos que o “local” é São Paulo, o lugar que acolhe Yaqub e o ajuda a consolidar as suas aspirações juvenis relacionadas a sua família, que é o centro da narrativa. Conforme a autora, considera-se o centro como uma construção, uma ficção, e não como uma realidade fixada e permanente. Na ficção muitas mulheres devem formar e proteger sua própria comunidade, com base em seus valores, que foram conquistados através de muitas lutas e perseguições sofridas pelas mulheres que queriam participar de um contexto social.

Os conceitos e conseqüentemente as práticas pós-modernas contam com a grande presença de elementos masculinos, agente da nossa diferenciação. No romance o destaque e a predominância de personagens homens, era bem normal para a época em que se passa a narrativa, mas não podemos excluir a forte presença do ser feminino encontrado nas mais diversas situações. As diversas personagens têm sua importância na narrativa, Zana é uma mulher forte e superprotetora, já Rânia é uma mulher que renuncia o seu destino de casar e ter filhos, a qual aparece como um produto observador, é a real figura feminista do romance, identificada como o ser livre e independente que tem um papel importante na narrativa, se enfatiza também a personagem Lívia, a qual é o elemento feminino responsável pelo principal conflito entre os gêmeos, embora não tivesse culpa do que houve entre eles, também temos Domingas, uma mulher que foi alvo da sedução de “seus patrões” o(s) gêmeo(s).

Na visão de Hutcheon (1991 p. 95) “A linguagem das margens e das fronteiras assinala uma posição do paradoxo: tanto dentro como fora.” Segundo a autora a arte pós-moderna sempre tem consciência da diferença, observada também dentro de qualquer grupamento, diferença definida pela contextualização ou posicionamento em relação à pluralidade dos outros.

A fragmentação e morte do sujeito na obra é representada por Halim, pois ele é o sujeito fragmentado, visto que fica dividido entre as lembranças amorosas do seu passado com Zana e com seu presente ao ter que dividi-la como o seu filho “caçula”, o Omar, e muitas vezes Halim é colocado em segundo plano por Zana, pois ela tem uma amor/cuidado incondicional por esse filho, deixando transparecer isso com os demais membros da família.

Observa-se a princípio que Yaqub “foge” do centro das atenções, porém continua presente de forma indireta, nas memórias de sua mãe Zana, e nas

lembranças de Domingas. Yaqub some da narrativa e abre espaço para as peripécias do irmão e os pensamentos do pai que vive das lembranças do passado feliz que viveu com Zana, sem a presença dos filhos e o amor doentio e superproteção de Zana para com seu filho Omar.

Segundo Hutcheon (1991 p. 204) “Sua historicização do sujeito e dos alicerces (centralizadores) habituais desse sujeito problematiza radicalmente toda a noção de subjetividade, voltando-se diretamente para suas contradições dramatizadas”. O sujeito em questão é o Omar, pois a sua subjetividade confunde os personagens, ele é um ser imprevisível e altamente presente na narrativa que sempre “rouba a cena” por sua falta de caráter, Zana enquanto mãe tenta situá-lo no seio da família, mas isso não acontece, uma vez que, ele sempre quer ser o centro das atenções. Como lembra Hutcheon (1947) o sujeito é absolutamente indispensável, ou seja, sua presença é relevante, não devemos destruí-lo, mas sim situá-lo em seu contexto. Omar, não aceita as suas diferenças que são apontadas pela família, pois isso o rotula como o filho “mimado, relaxado e perturbado” que não se interessa por nada que a família tenta inseri-lo. Quando Omar tenta situar-se pelo o que ele é, e acaba por fazer tudo que afronta a sua família.

Rânia é uma mulher a frente do seu tempo, tem autonomia e sabe administrar os negócios da família de forma séria, o que foge um pouco da cultura da época, onde tudo era comandado por homens. De acordo com Hutcheon (1947 p. 204) “Nem o homem nem a mulher é um agente livre autônomo e coerente; nenhum dos dois pode ser separado dos sistemas culturais.”

A representação da mulher no livro nos leva a questionar a posição que elas ocupavam na época, uma vez que Zana é apresentada na narrativa como uma esposa e mãe dedicada, enquanto Rânia não havia casado, nem tão pouco dava indícios que queria isso em sua vida, ela sempre aparecia como uma mulher forte que luta por interesses profissionais deixando de lado a vida pessoal e isso sinaliza um grande mistério na narrativa, já que ela é uma mulher inteligente e atraente que pode ser facilmente desejada pelos homens, é essa situação que ela se encontra, deixando margem para diversas interpretações sobre seus sentimentos por seus irmãos e por Nael. Rânia se ver designada a tomar conta dos negócios que eram para ser administrado pelos irmãos, e nessa ocasião o passado e o presente se entrelaçam. Hutcheon (1991 p. 205) nos mostra que:

O que faz a metaficção historiográfica contemporânea, que é autorreflexiva, descontínua e muitas vezes difícil, é atuar no sentido de subverter essa mesma visão de história que está também sendo contestada por grande parte do pensamento pós-estruturalista.

A princípio temos Halim que narra as suas memórias, e para Fischer (2009) é importante que elas sejam narradas, pois há a necessidade de se dividir as suas vivências com alguém, as lembranças que o fizeram feliz. Os fatos do presente e passado se apresentam nas vozes de Halim e Nael, e se entrelaçam, abrindo margem para uma confusão no ponto de vista do leitor, uma vez que Halim, está ligado a fatos passados, já Nael se apega a fatos dos “dias atuais” sempre fazendo contraponto com as histórias narradas por Halim.

A inserção da subjetividade é problematizada, o que cabe ao leitor identificar a presença daquela voz na narrativa. Hutcheon (1991 p. 206) nos lembra que “em vez do anonimato, encontramos uma subjetividade hiperassertiva e problematizante, por um lado, e, por outro, uma pluralizante polivalência de ponto de vista”, compreende-se assim o confronto vivido pelos gêmeos e presenciado pela família. A subjetividade e as ações praticadas por Rânia, a diferença sexual não pesa tanto no seio da família, pois ela é admirada por sua independência frente aos negócios, diferentemente de Omar que não tem nada concretizado, mas está numa busca constante por holofotes.

Na narrativa presencia-se alguns momentos em que Omar deixa de ser o foco, havendo o englobamento de diversos personagens que interage com ele, enquanto o Yaqub reaparece no romance com o objetivo de “vingança” e sem querer fazer as pazes como é interpretado por Zana.

De acordo com Hutcheon (1991 p. 207) “A memória autobiográfica tem uma longa história na ficção, como uma forma de afirmar a primazia da experiência individual” ressalta-se que a memória que vem sendo afirmada é a de Nael, pois ele é o narrador principal, que abre espaço para os acontecimentos que o constroem como sujeito de sua própria história. Nael tem em sua vida uma busca constante por sua paternidade, a dúvida entre qual dos gêmeos é o seu pai é algo que faz com que ele seja um ser informado sobre os acontecimento que cercam essa família des(estruturada).

Segundo Hutcheon (1991) a nova visão sobre as noções de acontecimentos históricos e sua organização é a visão exposta por quem narra os fatos através de

relatos que ele ouviu durante toda a sua vida e várias vozes que o cercaram durante os acontecimentos. Uma vez que o presente se baseia em diversas e profundas intenções e necessidades imutáveis, mas isso não ocorre, pois com base nos fatos do passado o presente tende a mudar para que não aconteça os mesmos erros. Percebe-se os diversos romances protagonizados por Omar e que cada mulher que ousasse aproximar do filho caçula, Zana a via como uma concorrente que ousava “habitar nas terras inabitáveis”, que era a vida de Omar.

Omar sente-se “dividido” entre os amores e desejos das mulheres e o amor e superproteção da mãe. Já Nael é reincorporado ao passado pelo ato de narrar às estórias de sua vida, as narra tentando encontrar o seu pai. Conforme Hutcheon afirma (1991 p. 211-212) “O pós-moderno é definido como aquela arte que atua no sentido de “debilitar as noções do objeto artístico autossuficiente e do concomitante sujeito artístico transcendental que está fora de qualquer história social, política ou sexual.” Aqui o pós-moderno é Rânia, que possui comportamento inadequado para as mulheres de sua época, estando fora de quaisquer padrão social.

Os sujeitos presentes no romance são um todo coerente e unificado, e, ao mesmo tempo, uma multiplicidade contraditória e dispersa que apresenta muito bem o perfil de seus personagens.

3. O NARRADOR CONTEMPORÂNEO

O romance *Dois Irmãos* apresenta como narrador o personagem Nael, filho da empregada Domingas, o qual busca consolidar a sua identidade como neto de Zana e Halim em meio a tantas desavenças familiares e dúvidas mal/nunca esclarecidas naquele ambiente tão conflituoso que é a casa de Halim.

Domingas é uma índia, que foi “adotada” pela família para ser sua criada, a qual viu os gêmeos crescerem e presenciou vários conflitos daquela família tradicional, que não era nada de normal, pois o comportamento de Zana para com os filhos, fugia um pouco dos “padrões” de mãe, uma vez que, Zana só tinha olhos para seu querido caçula o Omar. Zana desprezava tudo que não era relacionado ao seu filho, a única coisa que importava para ela era o seu filho o Caçula, que a mesma fazia de tudo para mantê-lo numa redoma, até que ele cresce e passa a ser dono do seu próprio destino.

Tudo que acontecia na casa de Halim era observado por Nael, o filho de Domingas, que aos olhos de Zana, não passava do filho da empregada, um bastardo qualquer, porém para Halim ele era mais que isso, representava alguém da família, e ele nunca fez questão de esconder que tinha suas dúvidas sobre a origem paterna de Nael, seu possível neto, filho de um dos gêmeos. Segundo Adorno (2003, p, 58-59) “Quanto mais firme o apego ao realismo da exterioridade, ao gesto do “foi assim”, tanto mais cada palavra se torna um mero “como se”, aumentando ainda mais a contradição entre a sua pretensão e o fato de não ter sido assim.” A proximidade de Halim com Nael deixava-o cada vez mais perto da resolução de todas as suas dúvidas sobre a real origem do filho da empregada, seu possível neto.

Para Halim, suas dúvidas não passavam de certezas mal esclarecidas, contudo na mente de Nael o que permanecia era a dúvida do que aconteceu, um caso qualquer, uma empregada seduzida, entretanto a incerteza pairava sobre seus pensamentos, quem? Qual deles é o meu pai? Como todos naquela casa viviam em função dos gêmeos, suas brigas, intrigas, conflitos e ciúmes, Nael queria apenas descobrir qual era a identidade do seu pai, independente da rivalidade que havia entre os dois irmãos.

Nael vivia presenciando tudo que acontecia naquela família, e ao seu modo tentava juntar os recortes da memória de Halim e da sua memória para tentar desvendar quem era o seu pai. Nael, enquanto narrador, possuía uma grande capacidade de ouvir, Halim era esse ser falante que o dava essa chance de ouvir, pois através dessa audição ele conseguia adquirir as experiências necessárias para narrar a sua vida e o que acontecia ao seu redor. Hatoum dá essa missão para Nael, pois as suas experiências o constrói como um ser completo.

O narrador observava as ações de Omar, os gestos carinhosos de Yaqub com Domingas, e isso deixava-o sempre em dúvida, mas ele não se cansava de tentar descobrir a sua origem paterna. Para Adorno (2003, p.59) “o narrador parece fundar um espaço interior que lhe poupa o passo em falso no mundo estranho, um passo que se manifestaria na falsidade do tom de quem age como se a estranheza do mundo lhe fosse familiar”

O narrador do romance junta diferentes fatos para montar a sua narrativa, as memórias do passado fazem o leitor tomar conhecimento do real sentido da presença do narrador, uma pessoa que está dentro e fora da narrativa que possui papel fundamental e principal nessa história, no entanto usa o conflito dos gêmeos

como pano de fundo para evidenciar a sua principal função na narrativa, que é desvendar quem é seu pai, por que ele não o assumiu como filho, por que ele deixou que Nael vivesse com essa dúvida, por que Domingas não revela quem de fato é o seu pai. Toda essa atmosfera de dúvidas e incertezas deixa o narrador confuso, mas certo de uma coisa, ele é um membro daquela família.

Predestinado a viver como o filho da empregada naquela casa que é de seus familiares, Nael vivera num quatinho, começara a observar tudo ao seu redor saindo da margem para o centro da narrativa e assim através das memórias do Halim, que narra a incrível rivalidade dos gêmeos e o cotidiano daquela família. Para Nael aquela família sempre foi cheia de segredos, a viagem de Yaqub para o Líbano, que tanto doeu para Zana, contudo ela não impediu que o filho fosse.

O que mais preocupava Halim era a separação dos gêmeos, “porque nunca se sabe como vão reagir depois...”. Ele nunca deixou de pensar no reencontro dos filhos, no convívio após a longa separação. Desde o dia da partida, Zana não parou de repetir: “Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um ra’í. Vai esquecer o português e não vai pisar em escola porque não tem escola lá na aldeia da tua família”. (HATOUM, 2000, p.11)

Aos olhos do narrador Zana não queria ver o filho longe da civilização, mas por que o deixou partir, por que não buscou outras formas de apaziguar os ânimos dos filhos no ambiente familiar e jogou toda a culpa em cima do Halim, que nunca foi de acordo com a diferença existente na criação dos dois filhos, por que um tinha a superproteção da mãe. A própria Zana sabia que no fundo essa viagem ia servir para ela ter, ou achava que teria, total controle sobre o Omar, o seu queridinho que ficou com a família, que não precisou de separação alguma.

Yaqub retorna do Líbano, mas os mistérios da família não cessam. Yaqub passa pouco tempo com sua família em Manaus e viaja para São Paulo para concluir seus estudos, lá ele se forma engenheiro e escreve para família comunicando que casou-se, e assim surge mais um mistério na família, “Yaqub a sua esposa misteriosa”. Conforme Hatoum (2000 p. 60) o Yaqub “Não revelou o nome da mulher e apenas um telegrama anunciou o casório. Zana mordeu os lábios. Para ela, um filho casado era um filho perdido ou sequestrado.” Que sentimento doentio é esse que Zana tem que impede que os filhos vivam as suas próprias vidas. Zana já teve o filho distanciado uma vez com a viagem ao Líbano, e agora com o filho casado com uma nora misteriosa seria o fim da posse dela com o Yaqub, se é

que um dia ela chegou a ser possessiva com ele. Esses e outros momentos eram presenciados por Nael, para Ceccarello ele:

Estava perto o suficiente dos fatos para poder narrá-los posteriormente, mas estava longe o bastante para não participar da vida familiar. Isso se deve à sua condição periférica dentro da família, diante do seu não reconhecimento como parte dela. Essa bastardia se confunde também como uma condição de agregado, vivendo na casa a custa de pequenos favores, usando roupas e livros dos gêmeos além de ser o porta-voz de Zana sobre as fofocas da vizinhança. (Ceccarello, 2011, p.82)

Essa situação familiar vivida por Nael o perturbava, ela tinha o direito de saber a sua origem, saber quem era seu pai, ser de fato reconhecido por aquela família, mas ninguém reafirmava as suas certezas, ninguém poderia afirmar quem de fato era o pai dele, talvez até a própria Domingas não soubesse, seria esse o motivo dela fugir tantas vezes desse assunto? De certo que sim. Nael não veio ao mundo por acaso, sua origem é, e continuará sendo um mistério, e através de suas observações diárias ele tenta desconstruir essa imagem de filho da empregada, quer se visto como membro da família que ele realmente é, mas que isso é negado a ele desde seu nascimento até a morte de seus entes mais queridos e amados. Como nos lembra o narrador na obra de Hatoum:

Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. Eu sofria com o silêncio dela; nos nossos passeios, quando me acompanhava até o aviário da Matriz ou a beira do rio, começava uma frase mas logo interrompia e me olhava, aflita, vencida por uma fraqueza que coíbe a sinceridade. Muitas vezes ela ensaiou, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava, e eram olhos tristes. (HATOUM, 2000, p.47)

Nael enquanto narrador possui uma autoridade ficcional para determinar os fatos presentes naquele ambiente tão conflituoso, pois tudo que ocorria era narrado a sua visão, com a experiência que ele tinha, decorrente das vivências com aquela família. Na obra é apresentado como um membro daquela família, que é deixado a margem por ser um bastardo, entretanto ele tem uma história de vida, ou melhor, ele busca situar a sua história de vida dando espaço para inserir uma figura paterna que nunca existiu. Nael não possui muito conhecimento exterior, ele é apenas um jovem que nascido e criado naquele lugar, foi aos poucos se situando no seio daquela família. Mesmo com a morte de sua mãe, Nael continua com seu papel fundamental na narrativa, tentando sair daquela invisibilidade inicialmente posta por Zana, pois ela o enxerga como um bastardo, ele é o único “membro” da família que consegue

permanecer naquela casa, em um pequeno espaço aos fundos da mesma habitação que lhe foi deixado como herança de fato e porque não dizer, de direito.

Em *Dois Irmãos*, concorda-se com as ideias de Vieira (2016) em que o narrador contemporâneo, observando a experiência, a transforma em uma forma sensível, sem que necessariamente ela esteja interiorizada, ou seja, ele a transforma mas não permite que sua essencial seja retirada. Para Bergamim (2005 p.36) “a narrativa tende para uma busca aparente da razão, da justificativa, da explicação” e é nesse viés narrativo que Nael se enquadra, ele quer dá sentido as coisas, as justificativas imaginadas por ele o fortalecem para que ele possa aceitar a explicação do que lhe é negado sobre a sua origem.

Na literatura contemporânea como nos lembra Agamben (2009, p 62) o narrador tem que manter seu olhar fixo no tempo, o tempo que ele descreve não é apenas fatos do passado, mas sim fatos do presente, um presente triste que o limita visualizar um futuro melhor, ele apenas vive um dia de cada vez, deixando que o seu destino se concretize para além de suas expectativas. Nael, diferente de outros narradores de romance da contemporaneidade narra fatos de personagens que realmente possuíram um papel essencial na obra.

A narração contemporânea de Nael nos leva a vivenciar um certo contexto da obra que o leitor não pôde vivenciá-lo. A descrição da obra com riquezas de detalhes sobre a capital manaura na época da ditadura militar, e os conflitos existentes em tal período, faz com que sintamos presentes naquela época, um período não tão distante do nosso, mas sim próximo, que já possuía os ares do contemporâneo, conforme Agamben (2009 p. 70) “(...) Ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos.”

Quando o leitor entra em contato com uma obra que não foi escrita no seu tempo, ele é intimamente transportado para o mundo fictício, que o envolve e deixa-o próximos dos personagens, a narração realizada por Nael possui essas características, conquista o leitor e instiga a querer descobrir quem narra aqueles fatos, por que ele está lá, de onde vem todo esse seu envolvimento, chega-se a imaginar que o narrador seja alguém que não tenha nenhum vínculo familiar que apenas observa tudo de fora e enriquece os detalhes da narrativa a sua maneira, que narra apenas pela sua observação distante, mas não é isso que temos em *Dois Irmãos*. A obra de Hatoum traz um narrador presente, um pouco imperceptível, que envolve o leitor de tal maneira que quando descobrem que Nael é o narrador, se

começa a perceber o encaixe das suas observações dando visibilidade ao que ele apresenta em sua narração, obtendo foco no que realmente sustenta a sua presença na obra.

Observa-se que Nael tem grande foco narrativo na vida dos gêmeos, e de imediato nós como leitores somos levados a manter nossa atenção apenas nos conflitos entre eles, nos cuidados de Zana para com Omar, na ausência de Zana para com Halim e isso nos deixa distanciado do verdadeiro foco que mantém Nael como narrador, este tem sua aproximação com Halim porque sente que ele é alguém que se pode confiar, e acredita-se que ele sabe da sua origem, pois Halim o tem como membro da família.

No desenvolver da narrativa o que temos é um narrador que foge dos modelos habituais de narrativas passadas e dá espaço a um personagem simples de pouca importância, cujo papel é de personagem e narrador, pois Nael tem seu destaque como personagem, o qual busca saber quem é seu pai, já que a sua mãe não consegue elucidar essa sua dúvida, ou simplesmente tem vergonha do acontecido e tê-lo criado sem pai. É difícil para Domingas explicar para seu filho, homem feito, que ele é fruto de um caso qualquer ou de uma violência que sofrera de algum dos gêmeos, simplesmente Domingas sabe que ele é membro daquela família, que recebeu estudo e instrução e que terá um futuro na sua vida.

Entendemos que Nael é um bastardo para aquela família de origem tradicional que seguia os costumes da época, mas o que tivemos foi um narrador, aquele bastardo que muitas vezes preferiu e/ou foi preferível silenciar, se mantendo no seu lugar de invisibilidade como filho da empregada, mas constatou-se que, Hatoum desafiando a tradição da literatura prioriza elementos narrativos nada comuns na literatura de tradição patriarcal brasileira, deixando claro que Nael busca dar sentido a sua existência.

Observa-se que determinada reflexão do narrador é algo consideravelmente relevante na contemporaneidade, que recorre a narradores descentralizados, onde se tem a mistura de classes sociais e há a libertação dos campos dominantes da sociedade, assim a contemporaneidade apresenta-se como um confronto para as tradições literárias conservadoras do país, justamente na época de ditadura militar, onde havia muita perseguição com as mais diversas categorias profissionais.

Nael que se encontra em busca de seu pai, ocupa o lugar de narrador do romance, mas não deixa de lado as suas origens humildes advindas de sua mãe, o

simples fato de ser um filho de empregada, condenado à mudez aos olhos da sociedade e dos patrões. Nael consegue sair dessa margem, dessa exclusão exterior de ser um simples personagem secundário, para ser o narrador, ocupando um lugar que para outros seria privilegiado. Ao sair dessa posição de oprimido, subalterno para uma posição superior e fundamental, de narrador, Nael torna-se narrador e protagonista da sua própria história. Hatoum dispensa esse “privilégio” dos outros personagens, e tira Nael da inferioridade e o coloca nessa posição de narrador e personagem. Para Ginzburg (2012 p. 204)

É importante a combinação delicada entre recursos de fragmentação, temas ligados à repressão e proposições à necessidade de repensar a história. Não se trata apenas de aceitar que uma vítima de tortura, um filho reprimido pelo pai e um incestuoso constituam narradores relevantes.

Na narrativa percebemos que Halim perde a sua autoridade de pai, ou melhor nem chega a exercê-la devido a posição autoritária e possessiva excessiva exercida por Zana, Halim não tem nenhum tipo de autoridade sobre os filhos, muito menos sobre Rânia, que é uma mulher misteriosa que talvez protagonize algum tipo de incesto que não vem muito clara na narrativa e que envolve-se com algum dos irmãos e consegue deixar Nael totalmente admirado pela mulher que se tornou. Ao conviver nesse ambiente familiar conflituoso, Halim não consegue dispor de nenhum tipo de ordem e disciplina. Na parte final da narrativa Nael nos dá o desfecho de alguns personagens que possuíram papel fundamental e de extrema importância para enriquecer o romance, mas que não tiveram seus finais de glória. Zana morre sem ter conseguido realizar seu sonho, a paz entre os filhos, Omar aparece na antiga casa de seus pais e a única pessoa que encontra é Nael, e mesmo assim Omar não ousa a se aproximar, nem sequer o cumprimenta. Rânia continua tocando a sua vida de comerciante e assume o que o pai havia sonhado para os filhos homens, Yaqub mantém-se distanciado de tudo que poderia ser “família”, Domingas e Halim morrem de velhice levando consigo a dúvida da origem de Nael, e assim a história chega ao seu final, com Nael tornando-se professor e tendo um futuro muito mais promissor que seu tio/pai Omar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance que se passou em Manaus no século XX teve como principal objetivo enfatizar a rivalidade dos gêmeos e descobrir a misteriosa identidade do pai de Nael. Diversos estudos já foram realizados sobre essa obra contemporânea e não se esgota aqui, a riqueza de detalhes que podemos enxergar na narrativa. Devido a rivalidade dos gêmeos ser um fato tão presente na narrativa, o foco principal tendeu-se a centralizar na paternidade de Nael. Observou-se que, mesmo sendo visto por Zana como um bastardo, Nael sempre foi observado de forma diferente por Halim. Ele não dava tanta atenção para a fragilidade de Omar que era enxergada por Zana como algo indiscutível, Halim tinha os pés no chão e dava importância ao que realmente era necessário, como a administração do seu comércio e a independências de seus filhos.

No decorrer da narrativa, Nael buscou situar-se como membro daquela família, e descobrir quem é seu pai, mas isso não aconteceu, a única conclusão que ele teve era que aqueles que lá habitavam eram a sua família. Zana, que sempre foi tão forte, deixou-se entregar pela solidão e ausência do marido falecido e pela falta de contato do seu querido Omar. Yaqub não se reconheceu como membro da família, não faz questão de manter nenhum tipo de contato com aqueles que o abandonaram e nunca se esforçou para fazer as tão sonhadas pazes com o irmão gêmeo, uma felicidade que Zana tanto almejava.

A vida dos gêmeos toma rumos diferentes, Zana termina seus dias na companhia da sua filha Rânia, que tanto se dedicou ao trabalho do pai, foi a única que esteve ao lado da mãe diante de tantos conflitos protagonizados pelos seus irmãos, que mantiveram uma rivalidade até a vida adulta.

Objetivou-se neste trabalho contribuir na compreensão dessa importante obra da literatura brasileira contemporânea. Ao longo do artigo foram realizadas considerações pertinentes ao romance *Dois Irmãos*, enfatizando suas principais características. Entretanto, salienta-se que a pesquisa traz um novo olhar, mas também abre possibilidades para novas perspectivas de análise e reflexões.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Nota de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. Duas Cidades; Ed. 34. São Paulo. 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó: Argos, 2009.

BERGAMIM, Cláudia Regina. Ficção Contemporânea: as armadilhas do narrador. **Kalíope**, São Paulo, ano 1, nº 2, 2005. p 31-37

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CECCARELLO, Vera Helena Picolo. O anagrama de Nael: Paradoxos e memória presentes no narrador do romance “Dois Irmãos” de Milton Hatoum. **Baleia na Rede**, vol 1, n. 8, Ano VIII, Marília, SP, dez/2011.

FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor** – Nelson Rodrigues ensaísta. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

GINZBURB, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane**, 2 (2012), p 199-221.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SANTOS, Darlan Roberto dos. O narrador no romance e na escrita (auto) biográfica: Ficção e realidade a serviço da experiência. **Rev. Let.**, v. 52, n. 1, São Paulo, jan./jun. 2012.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VIEIRA, Gabriel Carrara. **Estratégias do Narrador Contemporâneo e a Construção da Experiência em "Reprodução", De Bernardo Carvalho**. XV Abralic – UERJ. Rio de Janeiro 2016.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu saúde e força para chegar até aqui.

Ao professor orientador Luciano Justino pela disponibilidade e pelas leituras sugeridas ao longo da orientação do meu trabalho.

Ao meu pai José da Guia, a minha mãe Socorro Almeida, pela compreensão e apoio durante a minha trajetória acadêmica.

Aos meus irmãos, Ortis, Mirtes e Ana Maria por compartilhar as suas experiências acadêmicas e me ajudar a superar todas as dificuldades que surgiram ao longo do curso.

Ao meu amado Elinaldo, por toda a compreensão e companheirismo ao longo de tantos períodos de estudo.

À minha querida amiga Gizelda, que desde a época da nossa primeira graduação sempre me deu força e compreendeu as minhas ausências na nossa amizade, mas que nunca me abandonou.

Aos meus amigos, Gilson, Fabiano, Haynner e Paulo, grandes colegas que tive o prazer de estudar, compartilhar experiências e construir conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e compreensão em muitos momentos.

Aos professores do Curso Letras - Português da UEPB – Campus I, que contribuíram ao longo da graduação para o meu crescimento intelectual, por meio das disciplinas e debates.

E a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.